

Uma Introdução à Filosofia de Charles S. Peirce

Ricardo R. Gudwin
DCA-FEEC-UNICAMP

<http://faculty.dca.fee.unicamp.br/gudwin>
gudwin@unicamp.br



- Charles Sanders Peirce (1839-1914)
 - Fundador da teoria dos signos moderna
 - Aclamado hoje como um dos maiores filósofos americanos
 - Ignorado por seus contemporâneos
 - Maior parte de sua obra em manuscritos não publicados em vida (e até hoje não publicados) - Peirce Edition Project
 - Obra publicada mais conhecida
 - Collected Papers of Charles Sander Peirce -
 - Vol. I a VI editados por Paul Hartshorne e Paul Weiss 1931-1935
 - Vol. VII e VIII editados por Arthur W. Burks 1958
 - Writings of Charles S. Peirce (até 1896)
 - Editado pelo Peirce Edition Project - Indiana University Press
 - 6 volumes - 1982(1857-1866), 1984(1867-1871),1986(1872-1878), 1989(1879-1884), 1993(1884-1886),1999(1886-1890)

- Como é possível conhecer o mundo que nos rodeia ?
 - Leis da Mente e Leis do Mundo (Leis da Natureza)
- Existe um Mundo além de nossa Mente ?
 - Idealismo x Realismo
- Supondo a Realidade do Mundo, como ele é ?
 - O que é a Realidade ? Como é o mundo que nos rodeia ?
 - Problema dos Universais
 - Nominalismo x Realismo
- Peirce: Realismo Escolástico
 - Realidade x Existência
 - “Todo pensamento é em signos”
 - Ciência: processo por meio do qual conhecemos o mundo

Pressupostos Peirceanos

- Tychismo (de Tyche – *chance* : acaso)
 - Doutrina do Acaso
 - Idéia de que pode existir o acaso absoluto - nem tudo é fonte de um determinismo absoluto
- Sinequismo
 - Doutrina que prega que tudo que existe é contínuo
 - O discreto é somente uma percepção simplificada de certos tipos de comportamento contínuo
 - Fundada na noção de que a coalescência, o tornar-se contínuo, o ser governado por leis não são nada mais do que fases de um único e mesmo processo de crescimento e desenvolvimento
 - Pensamento e Sinequismo
 - idéias somente podem ser conectadas por continuidade

Classificação das Ciências (CP 2.180-2.202)

■ Ciências da Descoberta

- Matemática (o que é ou não logicamente possível)
- Filosofia (ciência positiva: descoberta do que é realmente verdade)
 - Fenomenologia (elementos universalmente presentes no fenômeno)
 - Ciências Normativas (o que deve ou não deve ser)
 - Estética
 - Ética
 - Lógica (Semiótica)
 - Metafísica (universo da mente e da matéria)
- Idioscopia (ciências especiais: acumulação de novos fatos)
 - Ciências Físicas
 - Ciências Psíquicas (ou Ciências Humanas)

■ Ciências da Revisão

■ Ciências Práticas

Teoria das Categorias

■ Categorias

- Diferentes tipos ou modos de ser
- Aristóteles – 10
 - Substâncias, quantidades, qualidades, relações, lugares, períodos de tempo, posições, estados, ações ou efeitos
- Kant – 12
 - Quantidade: Unidade, Pluralidade, Totalidade
 - Qualidade: Realidade, Negação, Limitação
 - Relação: Subsistência e Inerência, Causalidade e dependência, comunalidade (reciprocidade entre agente e paciente)
 - Modalidade: Possibilidade e Impossibilidade, Existência e inexistência, necessidade e contingência
- Peirce – 3
 - Primeiridade, segundidade, terceiridade

Teoria das Categorias

- Origem das Categorias
 - Aristóteles: tipos de palavras que se referem ao mundo
 - Kant: tipos de juízos que se podem fazer sobre o mundo
 - Peirce: tipos de relações que podem ocorrer no mundo
- Diferença das Categorias Peirceanas
 - Meta-Categorias: categorias para a construção de categorias
 - Arquitetônica da Semiótica
- Publicadas Originalmente
 - "On a New List of Categories." - Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences 7 (1867), 287-298.

Fenomenologia

- **Pensamentos**
 - Análogos a compostos químicos - valência
- **Fâneron (Phaneron)**
 - Tudo aquilo que de algum modo ou senso pode estar presente na mente, sem considerarmos se ele corresponde a alguma coisa real ou não (CP1.284)
 - Equivalente, até certo ponto à “idéia” de Locke
- **Faneroscopia (Phaneroscopy)**
 - É a descrição dos fânerons
 - Fruto da observação direta dos fânerons
 - Generalizando-se estas observações obtém-se um vasto repertório de fânerons, que apesar de inextricavelmente misturados, podem ser categorizados em uma lista muito curta

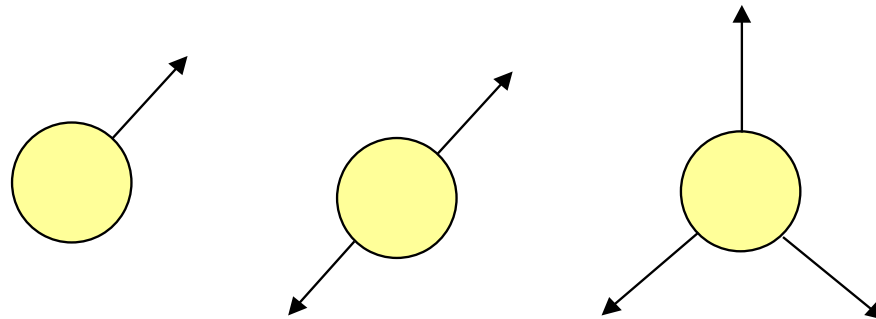
Fenomenologia

■ Valência Química

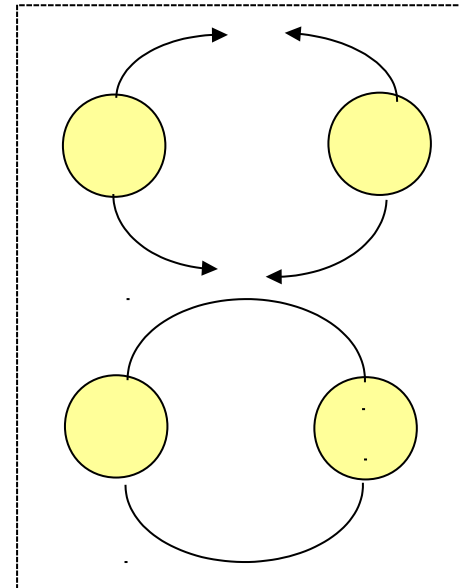
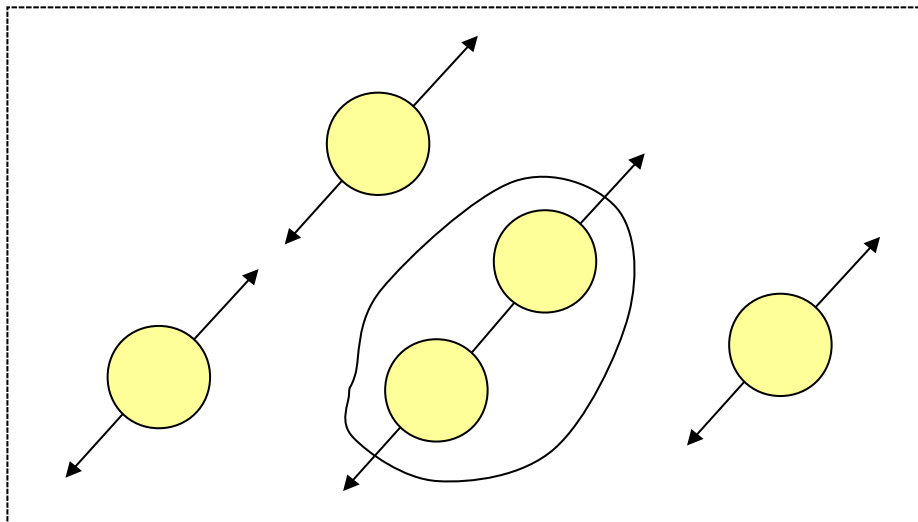
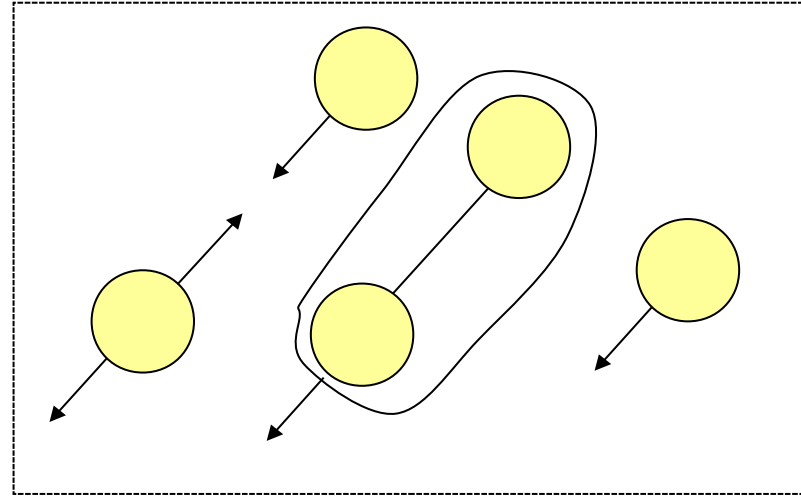
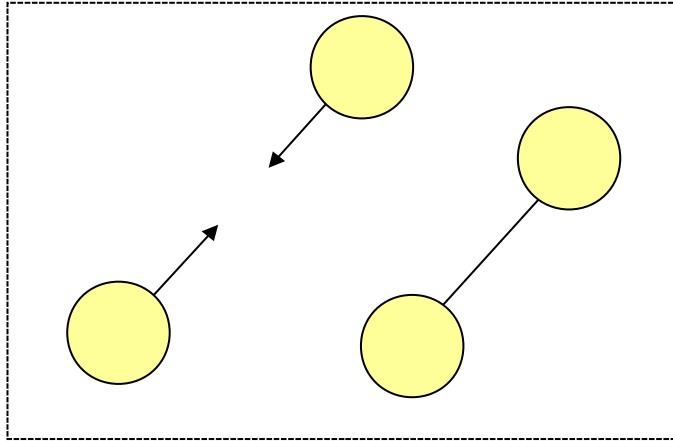
- Valência faneroscópica
- Médadas, mônadas, díades, tríades, tétrades, pêntades, etc ...

■ Elementos Indecomponíveis

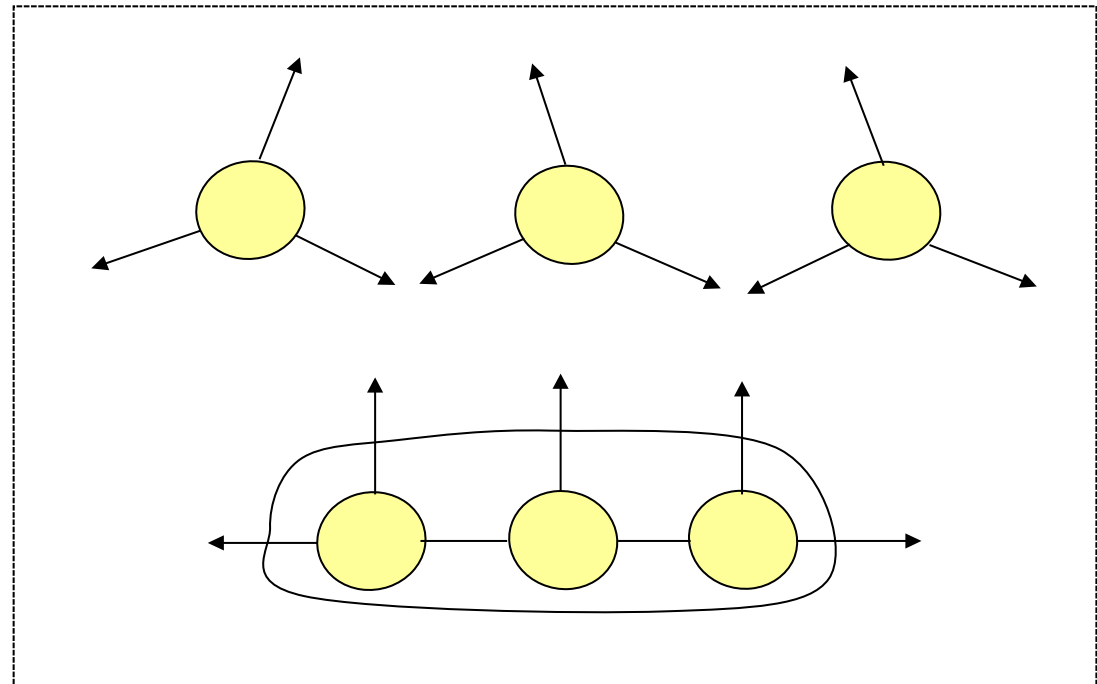
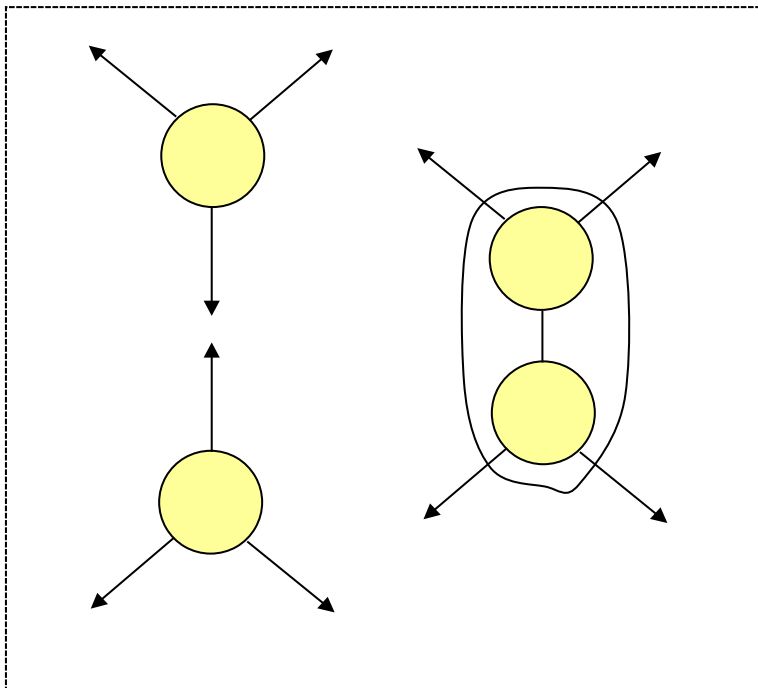
- Logicamente indecomponíveis, ou indecomponíveis a uma inspeção direta
- Somente são necessários três elementos indecomponíveis



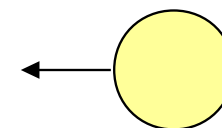
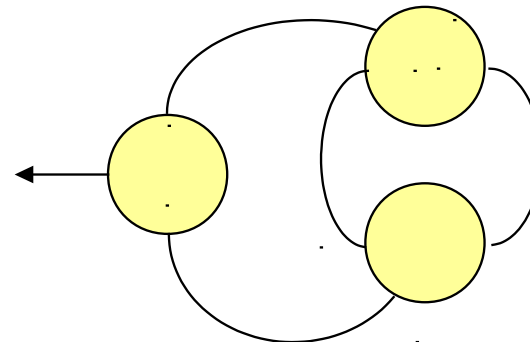
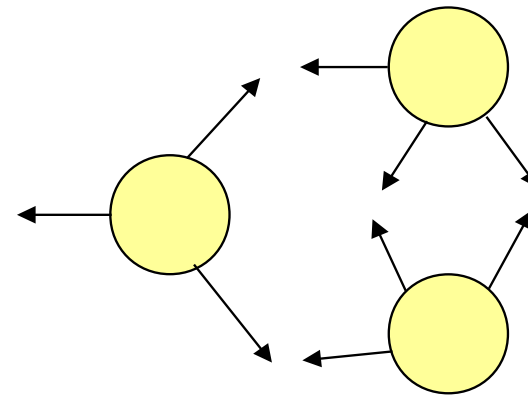
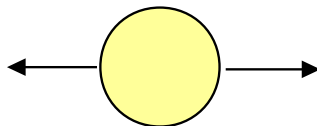
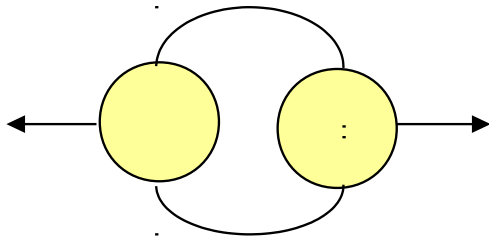
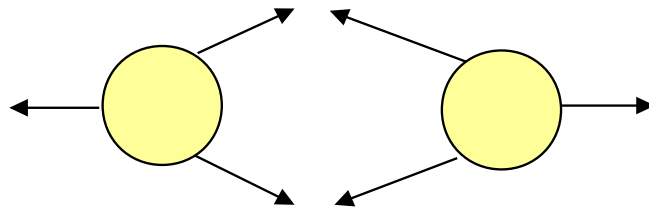
Faneroscopia



Faneroscopia



Tríades Degeneradas



Categorias Ceno-Pitagóricas

- Lista de Categorias (CP 8.328, 1.295, 1.296, 1.297)
 - Arranjos filosóficos - tabela de concepções derivadas da análise lógica do pensamento e presumidamente aplicável a todos os fenômenos do mundo (CP 1.300)
- Primeiridade (Firstness)
 - Tudo aquilo que é assim como é, ou seja, um primeiro, independente de um segundo ou terceiro
- Secundidade (Secondness)
 - Tudo aquilo que é o que é, somente em relação a um segundo, mas de maneira independente de um terceiro (outridade)
- Terceiridade (Thirdness)
 - Tudo aquilo que é o que é, em função de colocar um segundo e um terceiro, em relação um com o outro (composição)

Categorias Ceno-Pitagóricas

■ Idéia de Primeiro

- Predominante nas idéias de aleatoriedade, novidade, criação, liberdade, originalidade, potencialidade (CP 1.302)
- Exemplo de primeiro: sensação, sentimento

■ Idéia de Segundo

- Predominante nas idéias de causação e reação (forças estáticas ocorrem sempre aos pares), comparação, oposição, polaridade, diferenciação, existência (oposição ao resto do mundo) (CP 1.325)
- Nasce da comparação entre percepção (sensação) e ação (vontade)

■ Idéia de Terceiro

- Predominante nas idéias de mediação, meio, intermediário, continuidade, representação, generalidade, infinitude, difusão, crescimento, inteligência (intencionalidade) (CP 1.340)

O Signo

■ Signo

- Alguma coisa que está no lugar de outra, em relação a idéia que esta produz na mente de um intérprete
- Alguma coisa que produz na mente do intérprete a mesma idéia (interpretante) que seria produzida por outra coisa (objeto), caso esta fosse apresentada ao intérprete

■ O Signo como idéia de terceiridade

- O objeto por si só, poderia causar o aparecimento de uma idéia na mente do intérprete
- Entretanto, na ausência do objeto, o signo é capaz de produzir a mesma idéia
- O signo é, portanto, o “meio” pelo qual um objeto ausente acaba por produzir uma idéia na mente do intérprete
- Sendo assim, o signo é um exemplo de terceiridade

O Signo

■ Objeto

- Não é necessariamente um objeto material ou abstrato
- Pode ser qualquer coisa, sensação, evento que possa gerar uma idéia na mente do intérprete
- Pode ser inclusive uma outra idéia - não precisa ter existência real no mundo

■ Interpretante

- É sempre uma idéia na mente de um intérprete
- Pode (e vai) atuar como signo em um futuro processo de interpretação
- Age por sua vez como "mediador" na relação entre o signo e seu objeto - é portanto também um fenômeno de terceiridade

O Signo

■ Significado

- Aquilo que é transmitido (transportado) ao intérprete pelo signo, quando ocasiona a geração do interpretante na mente do intérprete

■ O Signo - Definição de Terceiridade

- Todo fenômeno de terceiridade é um signo

■ Separação entre Conceitos

- **Dissociação** - dois conceitos são dissociados, quando um pode existir completamente, independentemente do outro
- **Prescindência** - dois conceitos são ditos prescindidos um do outro, quando apesar de não poderem ser dissociados, podemos supor um sem o outro
- **Distinção** - mesmo quando um conceito não puder ser suposto sem o outro eles podem ser distinguidos um do outro

O Signo

- Interdependência entre as categorias
 - Categorias não podem ser dissociadas uma da outra, nem de outras idéias
 - Primeiridade pode ser prescindida da secundidade e terceiridade
 - Secundidade pode ser prescindida da terceiridade, mas não da primeiridade
 - Terceiridade não pode ser prescindida nem da secundidade nem da primeiridade
 - Todas as categorias podem ser prescindidas de qualquer outro conceito
 - Todas as categorias podem ser distinguidas entre si
 - Entretanto, é extremamente necessário distingui-las de outros conceitos de modo a preservar toda sua pureza e significado

Relações Triádicas

■ Relações Genuínas e Degeneradas

- Decomposabilidade de uma relação
- Relações triádicas genuínas não podem ser decompostas em relações diádicas ou monádicas
- Relações diádicas genuínas não podem ser decompostas em relações monádicas

■ Por que parar no 3 ?

- Relações de ordem maior que três são sempre relações degeneradas, ou seja, não existem relações de ordem maior que 3 que sejam genuínas

Modelo Extendido de Semiose

- Semiose
 - Processo de representação
- Signo e Representâmem
 - Signo causa um efeito na mente humana (idéia)
 - Representâmem pode causar um efeito em qualquer lugar
- Representâmen
 - Sujeito de uma relação triádica com um segundo, chamado seu objeto para um terceiro, chamado seu interpretante, sendo esta relação triádica de tal forma que o representâmem determina que seu interpretante assuma da mesma forma uma relação triádica com o mesmo objeto para algum outro interpretante
- Semiose Ilimitada
 - Sequência (potencialmente) infinita de interpretações

Utilizando as Categorias Tipos de Objetos

- **Objetos**
 - Exemplos da secundidade
 - Podem portanto existir em duas formas (CP 4.536, CP 8.314, CP 8.343)
 - Genuínos
 - Degenerados
- **Objeto Imediato (degenerado)**
 - Objeto, na maneira como é apresentado (potencialmente) pelo signo
 - Idéia de primeiridade (qualidade ontológica)
- **Objeto Dinâmico (genuíno)**
 - Objeto, como ele existe no mundo real
 - Idéia de secundidade (existência)

Utilizando as Categorias Tipos de Interpretantes

- Interpretantes
 - Exemplos de terceiridade (CP 4.536, CP 8.314, CP 8.343)
 - Podem portanto sofrer duas degenerações
- Interpretante Imediato (duplamente degenerado)
 - Interpretante potencial que o signo carrega em si, ainda não interpretado em nenhuma mente - primeiridade
- Interpretante Dinâmico (simplesmente degenerado)
 - Interpretante real, efetivamente causado na mente do intérprete
 - Idéia de secundidade
- Interpretante Final (genuíno)
 - Interpretante genérico, reunindo todos os interpretantes possíveis em uma semiose ilimitada - terceiridade

Outra Divisão dos Interpretantes

- Com relação a natureza de um interpretante
 - Podemos aplicar novamente a primeiridade, secundidade e terceiridade
- Interpretante Emocional (primeiridade) (CP 5.475)
 - Fâneron criado na mente é uma mera qualidade ou sentimento
 - Equivalente à dimensão apraisiva de Morris
- Interpretante Energético (secundidade) (CP 5.475)
 - Fâneron criado na mente é uma reação (mecânica ou muscular) causada pela presença do signo
 - Equivalente à dimensão prescritiva de Morris
- Interpretante Lógico (terceiridade) (CP 5.476)
 - Fâneron criado na mente é um pensamento - ou seja - uma representação - dimensão designativa de Morris

Criando Classes de Signos

Tricotomias

■ Signo

- Estudado analisando-se sua relação consigo próprio, com seu objeto e com seu interpretante
- 3 tricotomias sígnicas básicas - aplicação de primeiridade, secundidade e terceiridade aos tipos de relacionamento
- Aplicações dos operadores de primeiridade, secundidade e terceiridade a CADA UM dos relacionamentos

■ Classes de Signos

- Nem todas as combinações tricotômicas vão existir
- Signos de uma certa ordem não podem ter elementos de uma ordem acima da sua

■ 3 Tricotomias Básicas

- Geram somente 10 possíveis classes de signos

Primeira Tricotomia

- Signo em relação a si mesmo
 - Qualisignos (Tone) – primeiridade
 - O signo corresponde somente a um fenômeno de qualidade
 - Sinsignos (Token) – secundidade
 - O signo é um existente da natureza, tendo uma existência bem marcada no mundo real
 - Legisignos (Type) – terceiridade
 - O signo não é um existente da natureza, mas uma lei geral que subordina os existentes da natureza
 - Cada ocorrência de um legisigno é um sinsigno, chamado de sua réplica

Segunda Tricotomia

■ Signo em Relação ao seu Objeto

▪ Ícone (primeiridade)

- Signo apresenta em si próprio, as qualidades do objeto que representa - relação entre signo e objeto independe do interpretante e do próprio objeto
- Signos que, para serem interpretados, dependem somente de si mesmos.

▪ Índice (secundidade)

- Signo mantém uma conexão física ou relacional com seu objeto
- Signos que, para serem interpretados, dependem de um segundo, para o qual dirigem a atenção
- Referência para seu objeto - relação entre signo e objeto independe do interpretante, mas depende do objeto

▪ Símbolo (terceiridade)

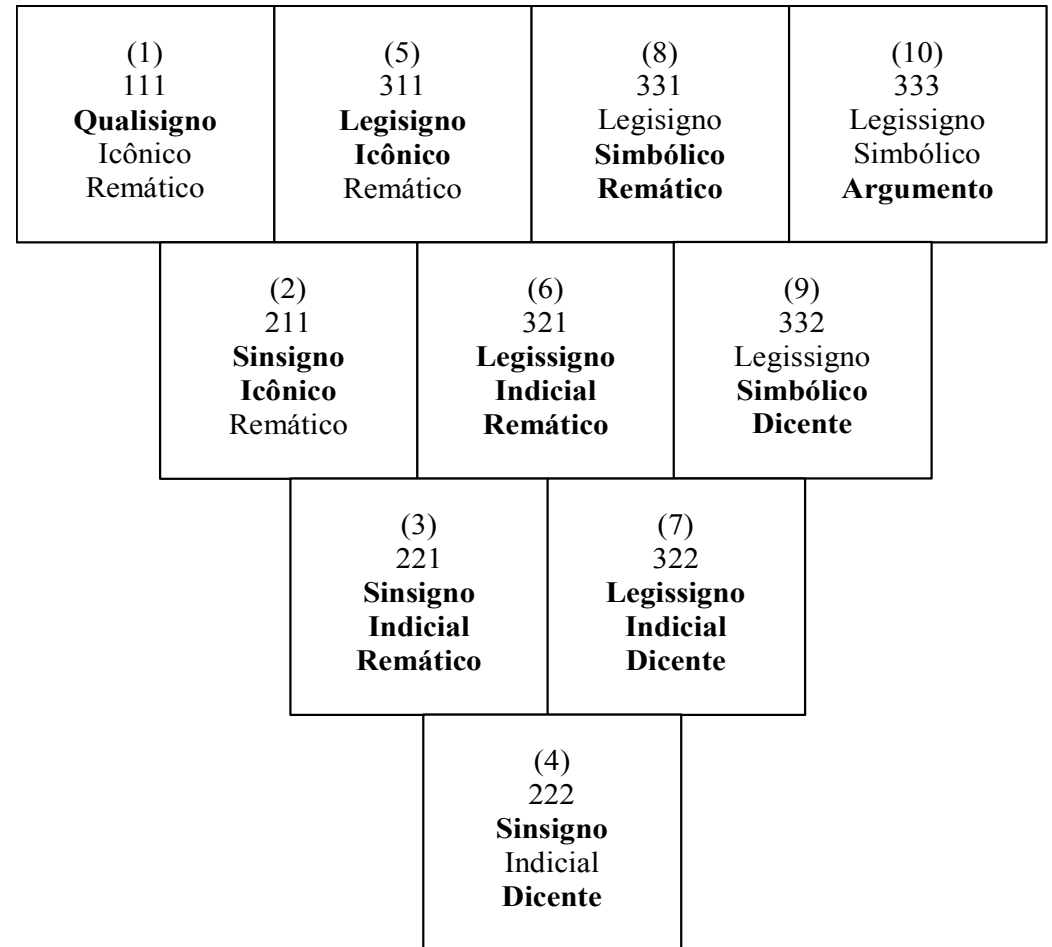
- Signo mantém uma relação totalmente arbitrária com seu objeto
- Signos que, para serem interpretados, dependem de um terceiro que funcione como uma tabela (ícone composto de índices para outros ícones).
- Relação entre signo e objeto depende intrinsecamente do interpretante e do objeto

Terceira Tricotomia

- Signo em Relação ao seu Interpretante
 - Rema (Termo)
 - Signo cujo interpretante (que media a ligação com o objeto) é uma mera possibilidade - condições possíveis de verdade
 - Dicente (Proposição)
 - Signo cujo interpretante é um existente - ou seja - pode ser afirmado como uma verdade ou falsidade - condições reais de verdade
 - Argumento
 - Signo cujo interpretante é uma lei - ou seja - necessariamente deve ser afirmado como verdade ou negado como falsidade - condições necessárias de verdade

10 Classes de Signos

- 1 - Qualisigno
- 2 - Sinsigno Icônico
- 3 - Sinsigno Indicial Remático
- 4 - Sinsigno Dicente
- 5 - Legisigno Icônico
- 6 - Legisigno Indicial Remático
- 7 - Legisigno Indicial Dicente
- 8 - Símbolo Remático
- 9 - Símbolo Dicente
- 10 - Argumento



Tipos de Ícones

■ Ícones (CP 2.277)

- Signos e seus objetos apresentam entre si relações de “similaridade”, que podem ser entretanto oriundas de uma primeiridade, uma secundidade ou uma terceiridade

■ Imagens

- A similaridade entre signo e objeto se dá diretamente em função de suas qualidades primárias (primeiridade)

■ Diagramas

- A similaridade se dá em função das relações entre as partes do objeto (secundidade)

■ Metáforas

- A similaridade está na predicação (ou representação) que ambos signo e objeto partilham (terceiridade)

Tipos de Argumentos

■ Argumento

- Tipo de signo que é composto por duas proposições acopladas por uma relação de implicação, de tal forma que a verdade da primeira proposição (premissa) implicará necessariamente na verdade da segunda proposição (conclusão)

■ Abdução (primeiridade)

- Argumento cuja conclusão é potencialmente verdadeira
- Único argumento criativo

■ Dedução (secundidade)

- Argumento cuja conclusão é realmente verdadeira

■ Indução (terceiridade)

- Argumento cuja conclusão é geralmente verdadeira

Argumentos Dedutivos

■ Deduções

■ Necessárias

- Não tem nada a ver com razão ou frequência, mas professa que a partir de premissas verdadeiras, deve-se obter conclusões verdadeiras
- **Corolários:** representa as condições da conclusão em um diagrama e encontra a partir da observação deste diagrama, como ele é, a verdade da conclusão
- **Teoremativa:** tendo representado as condições da conclusão em um diagrama, realiza um experimento engenhoso sobre o diagrama e pela observação do diagrama modificado, garante a verdade da conclusão

■ Prováveis (Deduções de Probabilidade)

- Conclusões são afirmadas de acordo com razões de frequência
- **Deduções Estatísticas:** conclusões são afirmadas de acordo com razões de frequência mas o fazem com certeza absoluta
- **Deduções Prováveis Próprias:** conclusões não são afirmadas com certeza, mas somente na medida da frequência com que são verdadeiras

■ Indução

- Argumento Pooh-pooh
 - Método que consiste em negar que um evento de um tipo geral possa ocorrer, baseando-se no fato de que este nunca ocorreu
 - Sua justificativa se dá por se dizer que se este método for aplicado persistentemente em todas as ocasiões, ele poderá ser corrigido caso esteja errado e portanto sempre levará a uma conclusão verdadeira
- Verificação Experimental de uma Predição Geral
 - Conclui que as condições de uma predição geral serão verificadas na medida em que estas são experimentalmente verificadas
- Argumento a partir de uma Amostra Aleatória
 - Método que verifica qual a proporção de membros de uma classe finita que possuem uma determinada qualidade, selecionando-se uma amostra aleatória da classe e concluindo que a razão encontrada na amostra será a mesma para a classe toda

Peirce e o Raciocínio

- **Desenvolvimento da Ciência**
 - Acumulação de conhecimentos descobertos
 - Segue paradigmas da inferência
- **Existe uma Lógica para a Descoberta Científica ?**
 - Caso exista, qual a natureza dessa lógica ?
- **Processo de Conceber uma nova idéia ou teoria**
 - Processo lógico ou apenas fruto de um palpite ?
- **Maioria dos Filósofos**
 - Considera a proposição de uma hipótese como algo não-lógico
- **Peirce**
 - Passou grande parte de sua vida tentando provar que a concepção de uma hipótese é um fato lógico

História da Lógica da Descoberta Científica

- Nos primórdios (gregos)
 - Somente inferência dedutiva
 - Problema: como introduzir os “conhecimentos universais” ?
- No período moderno
 - Inferências dedutivas e indutivas
 - Dedução - inferência de universais para particulares
 - Indução - inferência de particulares para universais
 - Problema: como explicar a criação de hipóteses particulares ?
- Métodos para a Geração de Conhecimentos
 - Generalização
 - *Insight*
- Peirce e o *Insight*
 - Inferência hipotética ou abdutiva (retrodução)

Indução e Hipótese

- Peirce em um primeiro momento (1859-1890)
 - Seguiu as idéias de Kant: inferências analíticas ou sintéticas
 - Analítica: dedução (explicativas)
 - Sintética: indução e hipótese (ampliativas)
 - Indução = generalização
 - Hipótese = insight
 - Inferência = processos de evidenciação
 - Indução = infere a existência de um fenômeno que ocorre de maneira similar em diferentes casos (lei geral)
 - Inferência de particulares para leis gerais
 - Hipótese = supõe algo diferente do que foi diretamente observado, e frequentemente algo que seria impossível observar diretamente
 - Inferência do efeito para uma causa

Hipótese e Retrodução

- **Questão que incomodava**
 - Por quê razão se adota uma hipótese em particular, desprezando uma série de outras ?
- **Hipótese**
 - Adotada em função de uma razão, boa ou má
 - Essa razão deve conferir à hipótese, alguma plausibilidade
- **Requisitos para a Adoção de uma Hipótese**
 - Ela deve explicar um conjunto de fatos observados (fatos devem seguir à hipótese, por dedução)
 - Ela deve levar a conclusões capazes de verificação
- **Novo termo para representar Hipótese**
 - Retrodução

Período Transicional

■ Retrodução

- Adoção provisória de uma hipótese devido ao fato de que qualquer possível consequência de sua aceitação é passível de verificação experimental, de tal forma que a aplicação perseverante deste mesmo método permitirá a descoberta de um potencial desacordo com os fatos se esse desacordo existir

■ Melhor Hipótese

- Aquela que mais facilmente possa ser refutada, caso seja errada

■ Entretanto

- Indução e hipótese ainda eram difíceis de serem distinguidas, dependendo da situação (indução qualitativa)
- Inferência hipotética: construção ou seleção de uma hipótese ?

■ Três Mecanismos de Inferência

- Três estágios de um método de investigação científica

■ Manuscrito de 1901

- “On the Logic of Drawing History from Ancient Documents”
- “... quando fatos surpreendentes aparecem, uma explicação é necessária ... essa explicação deve ser uma proposição que leve à predição de fatos observáveis, seja como uma consequência necessária ou como um fato muito provável devido às circunstâncias ... uma **hipótese** deve então ser adotada, que seja provável em si mesma, e considere os fatos de maneira adequada ... a este passo da adoção da hipótese, na forma sugerida pelos fatos, eu chamo então de “**abdução**”

■ Abdução

- Primeiro estágio do método investigativo

Período Maduro

■ Dedução

- “Assim que uma hipótese é adotada, o próximo passo é derivar suas consequências experimentais necessárias e prováveis”
- “Esse passo corresponde à **dedução**”

■ Indução

- “O próximo passo, então, é testar a hipótese, por meio de experimentos, comparando as previsões advindas da hipótese com os resultados do experimento”
- “A determinação da validade de uma hipótese, por meio de testes experimentais, corresponde então à **indução**”

■ Três modos de inferência

- Conectados intimamente formando um “método”

■ Nessa nova visão

- Inferência:
 - Processo de evidenciação → processo metodológico
- Três formas independentes de raciocínio → três estágios do método científico
- Muda a ordem de consideração entre as inferências
 - Abdução, indução, dedução
 - considerando os graus de possivelmente, provavelmente e necessariamente verdade para:
 - Abdução, dedução, indução
 - primeiro, segundo e terceiro estágios do método científico

Mecanismo da Abdução

■ Pergunta

- Como gerar uma hipótese ?
- Número de hipóteses possíveis é infinitamente grande

■ Qual delas deve ser sugerida originariamente

- Examinando toda sorte de teorias estúpidas, nunca chegaremos a uma boa teoria
- Teste de uma hipótese consome tempo e energia
- Questão: economia de energia

■ Fator direcionador

- Navalha de Ockham
 - Entidades não devem ser multiplicadas além da necessidade
 - Quanto mais simples uma teoria, maior a probabilidade de ser verdadeira

Mecanismo da Abdução

■ Peirce

- Não assume completamente a navalha de Ockham em termos de “veracidade”
- Hipóteses mais simples devem ser investigadas primeiro

■ Razão por trás da Abdução

- Lógica na geração de “sequências de buscas”

■ Justificativas por trás do “fenômeno” da abdução

- Muito insatisfatórias, tomando apenas o conhecimento existente ao tempo de Peirce (ele mesmo não estava satisfeito)

■ Segundo o conhecimento de hoje

- Processo evolutivo
- “Intelecto humano está peculiarmente adaptado a compreender as leis da natureza”

Conceito de Mente em Peirce

■ Mente

- Tudo aquilo que exerce o poder mediador
- Não se limita a uma mente humana ou de ser pensante
- Elemento que exerce o papel de terceiridade

■ Causalidade

- Causa eficiente (ou seja, mecanicista – secundidade)
- Causa final (ou seja, com finalidade - terceiridade)

■ Noção de Mente

- Muito mais ampla do que outras noções biológicas
- Nada tem a ver com a idéia de alma ou algo em oposição ao corpo (corpo x mente)
- Fator regulador que determina a finalidade de um processo causal

Peirce e a Religião

■ Peirce: Teísta

- Evolutionary Love (CP 6.287)
- A Religion of Science (CP 6.428)
- A Neglected Argument for the Reality of God (CP 6.452)
- Answers to Questions Concerning my Belief in God (CP 6.494)

■ Religião x Ciência

- Crenças

■ Crença Religiosa

- Normalmente dogmática, imposta pelas diferentes doutrinas e teologias

■ Crença Científica

- Construída a partir da experiência

■ Mas o método para conhecer (segundo Peirce) é um só !!!

Peirce e a Religião

■ Religião para Peirce

- Deveria se libertar de seu caráter dogmático e incorporar a metodologia científica
- Falibilismo
 - Crenças religiosas, como crenças científicas, devem ser sempre hipóteses provisórias, aceitas preliminarmente como verdadeiras, enquanto não surjam experiências que as tornem falsas.
- Se Deus é realmente verdadeiro, ele deveria ser conhecível através dos mesmos métodos que usamos para consolidar nossas crenças científicas

■ Deus

- Hipótese a ser testada, a partir das experiências individuais de cada um, em relação ao mundo ao nosso redor
- Não existe, mas é real !

Peirce e a Religião

■ Há Propósito no Universo ?

- Hipótese a ser investigada

- Hipótese que se solidifica observando-se as múltiplas experiências que podemos obter a partir de nossa interação com o universo

■ Qual a certeza que podemos ter ?

- A mesma que podemos ter de qualquer outra hipótese provisória que se mantém enquanto possui poder explanatório
- Nosso conhecimento do mundo é sempre mediado, portanto NUNCA poderemos ter uma certeza completa
- Apesar disso, nossas crenças vão se consolidando à medida em que conseguem resistir às novas experiências que se impõem

Peirce e a Religião

■ Teoria da Evolução Agapástica (CP 6.287)

- Agape: Amor → Fator direcionador da evolução no universo
 - Amor por si próprio (sobrevivência ?)
 - Amor por grupos afins
 - Amor por todo o universo

■ Criação

- Deus não criou o universo ... ESTÁ CRIANDO !

■ Religião x Teologia

- Teologias dogmáticas “engessam/obstruem” a evolução do conhecimento e devem ser evitadas
- Comunidades de crentes (igrejas, organizações religiosas) devem ser formadas para promover a troca de informações/experiências e consolidação de seu conhecimento religioso

Conclusão:

Perguntas para Reflexão

- Como entender o conceito de Realidade em Peirce ?
 - O que é a Realidade fora da Existência ?
 - Como essa Realidade é compreensível pela nossa mente ?
- Como seria uma religião sem dogmas, como a que Peirce propõe ?
 - Seria uma espécie de religião “ecumênica” e universal ?
 - Haveria uma série de “seitas” com idéias antagônicas e divergentes ?
- Como seria Deus nessa religião ?
 - Uma mente suprema ? Um Ente comunicável ? Um propósito primevo ?
- Seria a Teoria da Evolução Agapástica um desenvolvimento da Teoria de Darwin ?
 - Refutaria a explicação ateísta para o Universo ?